



## **A DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: INSERINDO-SE A ABORDAGEM DO TEMA NO CURRÍCULO DE UMA ESCOLA TÉCNICA**

Luiz Carlos Gonçalves <sup>1</sup>

### *Introdução*

A vida se constitui de transições constantes. Dentre as mudanças a que todos estão sujeitos, a escola talvez seja simbólica por ser ponto de partida que se faz após anos de acúmulo de bagagem múltipla. A educação básica, principalmente, coincide com passagens na vida dos estudantes carregadas de medos e de dúvidas. A responsabilidade dos agentes educadores nesse processo vai muito além da orientação acerca de conteúdos programáticos.

A dificuldade em abordar temas ligados a sexualidade é um exemplo clássico de como nossa escola enxerga o aluno e o professor como seres “assexuados”. Mas nenhuma transição se faz adequadamente sem a atenção a todas as etapas constitutivas da vida. A escola é uma passagem e é onde desembocam muitas questões e traumas marcantes. Em instituições de ensino médio, um dos mais latentes desafios é justamente lidar com um emaranhado de dúvidas acerca da identidade sexual. Ações que visem a estimular o reconhecimento das diferenças e a superação de preconceitos quanto à diversidade sexual têm sido cada vez mais estimuladas pelo Ministério da Educação (MEC). Mas como abrir espaço no currículo tradicional para inserir essas atividades? Decorre daí que muitas escolas optam por projetos, palestras, debates que direta ou indiretamente abordem o assunto.

O Cefet-MG é uma escola de ensino tecnológico. Embora os alunos tenham acesso a todo o conteúdo de cultura geral do ensino médio (Base Nacional Comum), a focalização de temas ditos “transversais” nesse tipo de escola é sempre mais complicada do que nas instituições exclusivamente de ensino médio. Os projetos que tratam de temas que não digam respeito ao conteúdo técnico dos cursos são geralmente relegados a sábados, gincanas e normalmente não costumam envolver todos os alunos.

A pesquisa cujos resultados são aqui apresentados fez uma abordagem do tema, inserindo-o em um importante tópico do ensino técnico do Cefet-MG, que é o trabalho com gêneros textuais e com a pesquisa científica. As escolas técnicas têm cada vez mais estimulado a pesquisa, na esteira

---

<sup>1</sup> CEFET-MG



do aumento de programas de fomento como as bolsas de iniciação científica, para o ensino médio (Bic-Jr). O trabalho foi orientado pelo professor de Redação do campus de Divinópolis do Cefet-MG, Luiz Carlos Gonçalves, e vinculado à disciplina de Redação. Com essa configuração, o objetivo era tanto inserir o assunto “Diversidade Sexual” em um tópico já previsto no currículo da escola, quanto levantarem-se dados para incitar debates sobre o tema na escola.

O objetivo específico do projeto aqui exposto foi o levantamento de dados que pudessem captar a percepção entre entrevistados - os alunos dos cursos técnicos do campus de Divinópolis do Cefet-MG - quanto à existência de práticas discriminatórias com relação aos homossexuais. A pesquisa foi desenvolvida pelos alunos da turma-piloto do projeto, escolhida pelo professor de Redação proponente do estudo, com base no fato de que essa turma era a única que estudava os tópicos “Metodologia Científica” e “Produção de textos jornalísticos”, no primeiro semestre. Outro objetivo do trabalho era que, além de analisados, os dados também servissem como tema para várias matérias de cunho jornalístico a serem desenvolvidas em sala de aula pelos alunos. A necessidade de uma pesquisa investigativa no âmbito da escola fundamenta-se pelo fato de que com dados em mãos sobre uma realidade mais próxima da comunidade escolar, seria mais fácil engajar professores e alunos em discussões sobre o tema.

### *Revisão Bibliográfica*

A base teórica utilizada pelos alunos antes de iniciar a execução do projeto veio do próprio material didático adotado pelo professor em sala de aula para trabalhar os tópicos Metodologia Científica, Gêneros e Tipos textuais. Já a orientação sobre o tema específico – “homossexualidade”, “Diversidade sexual” – teve como base material produzido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Presidência da República e Universidade Federal do Rio de Janeiro, principalmente. Além disso, os alunos pesquisaram a existência de estudos similares àquele que pretendiam desenvolver. Nesse caso, centraram-se em trabalho feito pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) em 2009, a pedido do Ministério da Educação (MEC). O estudo “Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar” teve o foco central referente ao uso conjunto de três conceitos fundamentais: (1) atitudes que expressam preconceito; (2) a distância social, que indica comportamento discriminatório; e (3) o conhecimento de práticas discriminatórias no ambiente escolar (*bullying*). O trabalho do MEC possuía, portanto, questões pensadas de forma a colher junto à população testada dados que servissem para análise desses três conceitos. Essa pesquisa passou a servir de marco teórico para a turma porque entendeu-se que a elaboração de um



questionário que captasse esses três comportamentos seria eficiente para o propósito de se flagrar atitudes discriminatórias entre os alunos. Isso porque, desde o início das discussões sobre a pesquisa, os alunos se mostraram preocupados com as respostas politicamente corretas, que poderiam mascarar o resultado.

### *Metodologia*

Devido à natureza da coleta de dados – a mensuração de atitudes e comportamentos comuns e específicos entre a população alvo do trabalho –, definiu-se o emprego do método de pesquisa *survey* em um corte transversal – a coleta ocorreu em apenas um momento – compreendendo a elaboração de um instrumentos de coleta de dados respondido por meio da técnica de auto-preenchimento pelo público-alvo da pesquisa. O formulário foi estruturado a partir dos resultados da realização de debates com a turma que desenvolveu o projeto. As questões foram estruturadas e testadas pelos alunos sob supervisão do professor de Redação, partindo-se da premissa de que o objetivo era coletar dados que, reunidos, respondessem à questão básica: “há a percepção por parte dos alunos do campus Divinópolis do Cefet-MG de que exista algum tipo de discriminação a homossexuais na escola?”

Coube ao professor a redação do projeto de pesquisa, após debates em sala de aula, que foi distribuído aos alunos, para compreensão e sugestões. O próximo passo, após a revisão bibliográfica e a análise de estudos similares, foi a confecção do instrumento de pesquisa. Optou-se pela elaboração de um questionário com respostas estimuladas, aplicado individualmente a todos os alunos dos cursos técnicos presentes na escola nos dias da coleta dos dados.

O formulário foi construído com questões diretas – “Você acredita possuir algum tipo de preconceito contra homossexuais?” – e outras que sondavam a concordância do entrevistado em relação a afirmativas. As frases que denotam esses conceitos nos formulários de pesquisa foram construídas a partir de expressões tidas como discriminatórias pelos envolvidos no projeto. Além disso, o questionário possuía também perguntas introdutórias sobre dados dos entrevistados – sexo, cor e religião –, que não se identificavam no instrumento de pesquisa.

A coleta dos dados foi feita pelos alunos, distribuídos em grupos. Cada grupo ficou encarregado de visitar determinadas turmas de ensino técnico da escola. A distribuição dessas turmas entre os grupos foi feita através de sorteio. A pesquisa foi planejada para ter duração prevista de seis meses, desde a idealização do projeto até o relatório e os textos finais. No cronograma a seguir é possível ter uma ideia das etapas que compreendem o projeto:



1. Elaboração do projeto pelo professor..... Janeiro e Fevereiro de 2010
2. Apresentação do projeto aos alunos ..... Março de 2010
3. Elaboração do formulário de coleta de dados Março de 2010
4. Revisão da metodologia da coleta..... Março de 2010
5. Trabalho de campo: coleta de dados ..... Março de 2010
6. Análise dos dados..... Março e Abril de 2010
7. Produção de texto jornalísticos pelos alunos.. Abril e Maio de 2010
8. Publicação de textos dos alunos no jornal Nós Junho de 2010
9. Redação do relatório pelo professor..... Junho de 2010

O formulário empregado na pesquisa foi entregue a todos os alunos dos cursos técnicos da escola presentes nos dias da pesquisa, entre 16 e 23 de março de 2010, exceto da turma que desenvolvia a pesquisa. Ao todo, 419 alunos dos cerca de 600 dos cursos técnicos da escola responderam ao questionário. O grupo de aplicação do formulário procedia da seguinte maneira: as turmas eram abordadas durante o horário de aula. Após uma explicação do grupo sobre como responder ao questionário - individualmente e sem fazer qualquer pergunta – entregavam-se os formulários com as questões voltadas para baixo de forma que os alunos não podiam ler as perguntas até que o grupo desse um sinal. A partir daí, todos respondiam em silêncio e devolviam o papel. Não eram mencionados tema ou objetivos da pesquisa.

A análise dos dados também ocorreu com a participação da turma. Foi feita uma análise variável nominal, agrupando-se as respostas por categorias já explícitas no formulário. Os resultados, as variáveis resultantes das respostas às questões, foram transformados em um índice percentual, variando entre 0 e 100 para cada item do questionário. Esse trabalho foi feito em sala de aula, pelos alunos da turma envolvida no trabalho, sob orientação do professor de Redação, proponente do projeto. Os resultados foram expostos através deste relatório e de textos jornalísticos redigidos pelos alunos e publicados no boletim informativo da escola, em sua edição de maio. Vale ressaltar que o trabalho teve como foco a discriminação apenas contra homossexuais.

#### *A apresentação dos dados*

Do total de entrevistados, 50% eram mulheres e 40% homens. A maioria, 65%, se autodeclarou branca. Em segundo lugar, 23% disseram ser pardos. Amarelos somaram 5%; 4% marcaram no formulário serem negros e 3% não quiseram ou não souberam responder a essa questão. Já quanto a religião, 78% se declararam católicos, 9% afirmaram ser evangélicos, 7%



disseram não ter nenhuma religião. Outros 3% informaram ser espíritas, contra 2% que disseram ter outra religião e 1% que não quis ou não soube responder a essa questão. Já quanto às questões específicas do tema da pesquisa, as perguntas e respostas foram as seguintes:

1. “Na sua opinião, quem está mais sujeito a sofrer preconceito na escola?”

Homossexuais: 68%

Deficientes Físicos: 10%

Não sei: 8%

Pobres: 5%

Nenhum desses: 5%

Negros: 4%

Mulheres: -

2. “Se pudesse, você optaria por **NÃO** ter colegas homossexuais na sua sala de aula?”

Sim: 14%

Não: 74%

Não sei: 12%

3. “Se você descobrisse que seu ou sua melhor amigo ou amiga, que tenha o mesmo sexo que você é homossexual, isso...”

Não teria influência na amizade: 69%

Faria ficar menos próximo dele/dela: 19%

Não sei: 11%

Faria terminar a amizade: 1%

4. “Você acredita possuir algum tipo de preconceito contra homossexuais?”

Não: 61%

Sim: 27%

Não sei: 12%

5. “Você já presenciou ou ficou sabendo da prática de algum ato dentro de alguma escola em que estude ou tenha estudado que considere preconceituoso contra homossexuais?”

Sim: 43%

Não: 46%

Não sei: 11%

A essas questões, seguiram-se três outras que tinham a intenção de avaliar a concordância do entrevistado com posicionamentos entendidos pelo pesquisador como preconceituosos. O objetivo



era tentar captar um viés preconceituoso que o entrevistado pudesse ter dissimulado nas questões diretas. Vejam-se a seguir essas afirmativas. O entrevistado só podia marcar, como nas anteriores, uma opção:

“Sobre as afirmativas a seguir, marque sua opinião”

6. “A homossexualidade é uma doença e deve ser tratada”

Discordo Muito: 73%

Discordo Pouco: 13%

Concordo Pouco: 09%

Concordo Muito: 05%

7. “Não me importo em ter colegas de sala de aula gays desde que sejam discretos”

Discordo Muito: 14%

Discordo Pouco: 13%

Concordo Pouco: 36,5%

Concordo Muito: 36,5%

8. “**NÃO** seria correto uma escola contratar uma professora que se defina como travesti ou transexual mesmo que ela tenha qualificações técnicas para o cargo”

Discordo Muito: 60%

Discordo Pouco: 20%

Concordo Pouco: 11%

Concordo Muito: 09%

Além da coleta dos dados, os alunos deveriam também produzir textos jornalísticos a partir da análise dos resultados. Para isso, a turma, de 32 alunos, manteve a mesma divisão em cinco grupos - os mesmo que aplicaram o questionário. Esses grupos, que passaram a ser chamados de “Editorias”, receberam temas sobre os quais deveriam produzir textos a serem publicados no jornal da escola. Esses temas foram:

1. *Como foi feita a pesquisa* - coube a esse grupo construir um texto descritivo sobre a metodologia e os objetivos do trabalho.

1.1 *Matéria de Retranca* - pesquisar na mídia exemplos de travestis ou transexuais que tenham contrariado sua expectativa de atuação social;

2. *Religião e preconceito* - esse grupo deveria estratificar as respostas ao questionário com base na religião declarada do entrevistado;

3. *Análise de possíveis incoerências entre as respostas dos entrevistados;*



4. Matéria de Retranca - legislação sobre o tema (homofobia);

5. *Matéria de Retranca* - artigo sobre vocabulário acerca do universo homossexual (uma espécie de glossário).

É importante ressaltar que o trabalho de análise dos dados teve ainda o propósito de produção de material para alimentar as matérias jornalísticas. Com isso, o professor esperava conseguir aguçar o senso crítico dos alunos, uma vez que teriam de depreender interesse jornalístico dos dados. Ou seja, além da apresentação da análise em gênero científico ou didático de texto, os alunos tinham ainda que verter o material colhido para um texto de comunicação social. O trabalho com jornal já é um tópico da disciplina de Redação no Cefet, que conta com um boletim informativo que serve de laboratório para alunos. Os textos dos alunos sobre a pesquisa eram produzidos e apresentados em sala de aula, para receberem críticas e ajustes. Após revisados, os textos foram publicados no boletim mensal da escola, o *Jornal Nós*, em sua edição de maio (online e impressa).

#### *A análise dos dados*

A análise das questões de forma isoladas mostra uma grande maioria dos alunos bastante tolerante em relação aos homossexuais. Mas o confronto entre as respostas revela incoerências. Ao ser indagados, por exemplo, se se consideram preconceituosos quanto aos homossexuais, 61% responderam que “não” e 27% que “sim”. Ao mesmo tempo, 43% afirmam já ter presenciado ou ouvido falar de prática de atitudes discriminatórias em ambiente escolar. Claro que há a possibilidade de todos os atos discriminatórios serem praticados por uma minoria e mesmo de muitos não considerarem que suas práticas sejam discriminatórias. Mesmo assim, a turma ponderou que era mais fácil denunciar o comportamento socialmente condenável no outro do que assumir sua prática. Daí que se considerou que essa questão, com o percentual de alunos que dizem já ter presenciado ou ouvido falar de atos contra homossexuais deveria ser considerada sempre em conjunto com aquela que mostra que 27% se auto-declaram preconceituosos.

Outro critério adotado pelos alunos para análise dos dados foi o confronto entre as questões objetivas, do tipo “Você acredita possuir algum tipo de preconceito contra homossexuais?” e um outro, em que o entrevistado era instado a dizer em que grau concordava com afirmativas tidas pelos pesquisadores como preconceituosas. Foi desse confronto que surgiu o que os alunos/pesquisadores consideraram uma incoerência. Quando perguntados se se pudessem optariam por não ter colegas homossexuais como colegas de classe, 74% dos entrevistados responderam que



“não”. No entanto, número estatisticamente equivalente, 73%, concordou com a seguinte afirmativa: “Não me importo de ter colegas de sala homossexuais desde que sejam discretos”. Para os alunos, o confronto desses dois números foi um dos pontos mais significativos da pesquisa. Isso porque admitir que espera que os colegas gays sejam “discretos” talvez revele que a tolerância à diversidade sugerida na maioria das respostas à pesquisa não seja tão sincera. O número, na análise da turma, parece sugerir que tal aceitação esteja condicionada a que os colegas homossexuais mantenham-se enrustidos ou “no armário” como se diz popularmente.

Os alunos também fizeram uma estratificação da pesquisa com base na religião auto-declarada, a fim de se perceber se haveria diferenças relevantes entre as respostas de alunos com religiões distintas. De fato, perceberam-se entre os evangélicos posicionamentos diferentes daqueles proferidos pela maioria. Proporcionalmente, mais alunos evangélicos assumem ter preconceito contra gays: 39% contra 23% dos católicos. Já quando perguntados se se pudessem optariam por não dividir a sala de aula com colegas gays, 22% dos evangélicos responderam que sim, contra 13% de católicos. É maior também o número de entrevistados evangélicos que consideram a homossexualidade uma doença: 40%. Entre os católicos, o índice é de 14%.

### *Conclusão*

O projeto que propunha a pesquisa e que serviu de orientação aos pesquisadores ancorava-se na seguinte questão: “Há a percepção entre os alunos dos cursos técnicos do Campus de Divinópolis do Cefet-MG de que exista algum tipo de discriminação aos homossexuais na escola? A análise dos dados aponta para que a resposta a essa pergunta seja “sim”. Embora a maioria (61%) dos alunos declare não possuir nenhum tipo de preconceito que possa ser classificado de homofobia, a estratificação e o cruzamento dos dados apontam para a percepção de que os alunos entendam que haja entre eles manifestações ainda que veladas de discriminação contra gays. O fato de 43% dos estudantes afirmarem já terem presenciado ou ouvido relatos de episódios de discriminação é um indício disso.

O objetivo da pesquisa aqui descrita não era apenas a apuração de dados, mas a análise e a utilização desses dados como estímulo na produção de textos jornalísticos, parte integrante do conteúdo de Redação. Com isso, esperava-se estar inserindo-se a discussão necessária sobre diversidade sexual no currículo habitual da escola. De fato, o trabalho propiciou aos alunos a prática de técnicas relativas à pesquisa de campo, ao mesmo tempo em que estimulou neles a aplicação do “pensar jornalístico”, uma vez que deveriam, além de expor conclusões científicas extraídas dos





números, captar interesse jornalístico desse material. Isso implica navegar entre gêneros e tipos de textos. Significa elaborar um texto a partir de dados construídos pelo próprio empenho do aluno e não apenas fazer “redações escolares” a partir de estímulos construídos pelo professor ou por uma banca de vestibular. Portanto, além dos dados em si, que servirão para fomentar discussões em futuros debates na escola acerca do tema “Diversidade Sexual”, a turma construiu seu conhecimento em tópicos variados durante o caminho percorrido entre a discussão do projeto de pesquisa até a elaboração de textos jornalísticos a partir dos dados analisados. O projeto, no entanto, para a turma, não se encerra com este relatório: ainda está em construção. Uma vez que foi inscrito e aceito em um congresso sobre o tema (*Fazendo Gênero, UFSC*), os alunos ainda aguardam a repercussão da apresentação do trabalho que eles ajudaram a construir.

#### *Referência Bibliográficas*

BERTOLINI, Alexandre. *Diversidade sexual na Escola*. Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC). *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Imprensa Nacional, 2009.

BRASIL, Secretaria Especial dos Direitos Humanos/MEC. *Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT*. Imprensa Nacional, 2009.

BRASIL, Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade (Secad), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). *Pesquisa Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar*. MEC, 2009.